

A verdade está lá fora: pesquisa em literatura na internete

Alamir Aquino Corrêa (UEL/CNPq)

correa.alamir@gmail.com

No seriado televisivo *X-Files* (no Brasil, *Arquivos X*), a expressão “a verdade está lá fora” utilizada na maior parte dos episódios (*The truth is out there*) sinalizava a compreensão de que haveria outra verdade, além daquela aceita pelos círculos oficiais. A atitude burocrática e conspiratória daqueles que dominam os mecanismos oficiais era de negativa absoluta das outras possibilidades de compreensão do mundo. Quero usar tal contexto para sinalizar que há outra verdade além daquela geralmente aceita pela pesquisa acadêmica. Em outros termos, sem qualquer tom salvacionista e com um grau menor de denúncia de conspiração, quero apontar que muito tem sido feito para negar o valor do material disponibilizado de maneira eletrônica/digital, através da internete, apesar de sua evidente qualidade e de haver apenas diferença de meio em relação a publicação em papel.

Na área de literatura, nossos pesquisadores desde o início do século XX fizeram sua recolha do estado da arte lendo minuciosamente catálogos de bibliotecas, ficha após ficha, dependendo sempre da habilidade de catalogação das bibliotecas e do seu acervo. Em várias bibliotecas, o balcão de referência era fundamental para o apontamento e a recolha de fontes secundárias; por outro lado, os orientadores também serviam de fonte através de suas memórias muitas vezes prodigiosas, mencionando aqui a título de exemplo os professores universitários Teófilo Braga, Rodrigues Lapa e Vítor Manuel de Aguiar e Silva.

Essa atitude de recolha das fontes é aquela descrita por Umberto Eco em seu *Come si fa una tese di laurea* (no Brasil, *Como se faz uma tese*; em Portugal, *Como se faz uma tese em ciências humanas*). Anoto ancilarmente que a *tese di laurea* era o instrumento de conclusão dos cursos de graduação na Itália, em conformidade com o Decreto Régio 1269 de 1938, em seu artigo 39, condição reconhecida por Umberto Eco logo no início de seu texto ao tratar da razão e do significado de uma tese. Nada obstante, o método descrito por Eco vale para a pesquisa independentemente de seu nível.

Quando Eco discute a escolha do tema (item 1.4), ele argumenta que há quatro questões fundamentais; entre elas, que as fontes devem ser do alcance material do estudante e que sejam manuscritas, ou seja, que estejam ao alcance cultural do estudante. E aqui reside o principal elemento a matizar a pesquisa feita hoje, com o auxílio das fontes digitalizadas e “bancariamente” organizadas (os tais bancos de dados). Não só há uma quantidade imensa de

fontes, eliminando o aspecto do alcance material ou tornando-o de menor monta, como também por usa consistência multivocálica a internete permite a visita a fontes sem autorização e a materiais de alto nível, fazendo com o estudante se sinta inseguro por não saber ou não poder separar as informações. Há de se anotar também que paira sobre esse conjunto de dados a aura de uma grande desconfiança oriunda no temor da academia diante do admirável mundo novo.

No início da década de 90, tentei fazer na UEL uma leitura “vetorizada” dos graus emotivos da poesia romântica brasileira, ou seja, um banco de dados com os poemas românticos brasileiros, com marcas de apontamento de emoção e sua vetorização (ou linques), aquilo que eu entendia como possibilidades de inter-relacionamento entre versos e poemas, na tradição dos estudos comparados à época sobre influências e recepções, que pudesse servir a outros estudiosos da poesia romântica. Um assessor escolhido pela UEL apontou que era atividade banal e bancária, que não poderia e nem deveria ser feita por alguém com titulação razoável. Trago esse testemunho para sinalizar que nossa academia não preza a atividade “primária/primitiva” de construção de banco de dados, exceto feito às histórias literárias e aos dicionários de autores e obras. Interessantemente, o maior banco de dados sobre literatura brasileira organizado pelo NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>), incluindo textos completos de obras em domínio público, não encontrava reconhecimento até bem pouco tempo nem mesmo na própria Comissão de Vestibular da UFSC ao divulgar a sua lista de obras.

Retomando o problema das fontes material e culturalmente alcançáveis, Eco dá vários exemplos sobre a propriedade de estudo que admita o mínimo de deslocamento (por razões materiais) e com o menor recorte possível em termos de não ultrapassar os limites de compreensão e preparo do estudante. Ao lidarmos com os cursos de especialização, pouco há mais daquilo que Eco aponta como cerceador ou como prudência necessária na escolha dos temas; as monografias de especialização denotam exatamente isso: um recorte temporal e temático do vasto conjunto de disciplinas cursadas na graduação (geralmente licenciatura em língua portuguesa e/ou uma língua estrangeira). No caso das dissertações de mestrados, onde já é necessário maior fôlego, em que pese ser etapa de preparo ou de treinamento de pesquisa sem exigir um trabalho *original* de investigação, aumenta o grau de dificuldade tanto material quanto cultural; as teses doutorais exigem o nível acadêmico mais elevado, texto com maior fôlego, maior fadiga de pesquisa e hipoteticamente original. Entretanto, há alguns problemas derivados do advento de uso dos bancos de dados, aqui entendidos como qualquer compilação e disponibilização de material.

Ao tratar do público interessado em sua obra (1.2), Umberto Eco aponta que uma *tese di laurea* poderia ser copiada ou encomendada, enquanto atos de desespero e ilegais; no primeiro caso, comenta que há de se tomar cuidado para não copiar material publicado, pois essa informação é mais largamente conhecida, e que algum professor pode ter trabalhado em outra universidade, por exemplo, em Curitiba, e talvez já conheça uma monografia apresentada como nova em Porto Alegre. A opulência de dados compilados ou buscados permite em tese que tal cópia (ou controle C e controle V) se torna facilitada em retalhos. Anoto também que há aqueles que “ingenuamente” publicam textos em dois ou mais periódicos no mesmo ano ou até o mesmo artigo no mesmo periódico em anos diferentes e espaçados, de forma a aumentar a sua produtividade acadêmica; tal comportamento não resiste a uma ligeira busca de trechos contextualizados (uma palavra menos usada ou uma sequência de cinco ou seis palavras entre aspas). Há a possibilidade também de se publicar (especialmente em papel) o mesmo texto com título diferente, em locais diferentes, contando com a pouca memória ou parca distribuição de textos. Se no passado dependia-se da memória e da leitura alheias, as ferramentas digitais de busca são cada vez mais especializadas e com resultados igualmente mais profícuos e mais abrangentes, inclusive dificultando a eventual cópia de material alheio, ainda que poucos professores de literatura recorram a tais ferramentas para verificar possível plágio.

No trato da qualidade das fontes disponíveis, que nas bibliotecas universitárias sofriam o crivo econômico de compra e o crivo qualitativo das indicações docentes, os mecanismos gerais de busca (Google, Yahoo, Ask e Bing) produzem resultados geralmente interessantes, mas por demais amplos e pouco significativos para o olhar comum. Para o pesquisador, ao lado das bases de dados mais antigas e com maior tempo de influência (MLA International Bibliography e os Who's Who), hoje há vários repositórios de larga importância (Academic OnFile, Arts and Humanities Citation Index, Art Full Text, Banco de Teses da CAPES, Handbook of Latin American Studies, Humanities Full Text Periodicals Index Online, JSTOR e o Project MUSE), embora alguns ainda não estejam disponíveis no Portal de Periódicos. Igualmente importantes são as ferramentas WorldCat, Google Books e Google Scholar, além do sítio francês fabula.org. Claro está que há coleções específicas, como por exemplo na área de estudos clássicos ou de estudos comparados. Quer dizer, estamos diante de um complicador maior para a circunstância de fontes materialmente alcançáveis, pois muita coisa foi reunida e disponibilizada. Cito como exemplo a coleção de materiais gregos e latinos compilados na [Perseus Digital Library](http://www.perseus.tufts.edu) da Tufts University

(<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>); antes a leitura no original de Sófocles ou Cícero era impensável para a maioria dos estudiosos.

Essa pujança de disponibilização de materiais permite que se perceba com facilidade o andamento do estado da arte e que se consulte um maior número de fontes primárias e secundárias. Trato disso por entender que a área de estudos literários precisa urgentemente rever as suas práticas de pesquisa e de verificação de resultados. A simples leitura do Banco de Teses da CAPES pode produzir exemplos verdadeiramente constrangedores, como a existência não só de trabalhos similares, ainda que se admita o desconhecimento ingênuo da fonte, mas por vezes com títulos iguais. Em outros termos, o desprezo das fontes digitalmente disponibilizadas, que equivalem à publicação em papel, como atitude desesperada de confronto e resistência a novas tecnologias, denota o mais rasteiro descompromisso ético com o estado da arte, com o pensar alheio e anterior sobre determinado assunto. Em hipótese *sui generis*, imagine-se uma banca de concurso de literatura brasileira em uma universidade A, para a qual são convidados dois orientadores de doutorado de outras instituições (B e C) e há entre os inscritos dois candidatos (x e y) oriundos daquelas instituições B e C, cujas teses tenham o mesmo título que foram orientadas pelos docentes convidados, orientadores de doutorado. Nada embaraçoso se as teses tenham sido defendidas no mesmo ano; entretanto, um interstício de um ano entre as defesas já compromete todo o processo. E isso sem falar na possibilidade de se publicar digitalmente a tese logo após a sua defesa.

Pode parecer uma visão apocalíptica ou um excesso de “teoria da conspiração”, mas o fato é que nos falta uma tradição de consulta das fontes digitalizadas, em prol de nosso culto ao livro como grande depositário de verdades, algo que tem sido alimentado na discussão do *Qualis* de livros e da defesa de especificidade da área de humanas no seu quesito de produtividade bibliográfica. Esse é um aspecto interessante quando se busca compreender os critérios de avaliação da CAPES, dada a premência de publicação no indicador 1 (livros, capítulos de livros e artigos em periódicos). Se por um lado aumentou o número de revistas especializadas e das chamadas temáticas, a indicar um comportamento de agregação de interesses contemporâneos de pesquisa, por outro a visita às listas de obras citadas nos periódicos revela a prevalência das fontes bibliográficas, com poucas menções a artigos em revistas e bissextas aparições de fontes digitalizadas.

A internete, ou de forma analítica e grandiosa, a rede mundial de computadores na apropriação do *World Wide Web*, tem sido objeto de ataques e de defesas. Não há dúvida do reconhecimento de seu papel disseminador e de vazão de vozes antes mudas (Frey 2000); reversamente, há um cuidado extremado sobre haver ou não verdade nas fontes digitais,

atitude já descrita há cerca de quinze anos, quando a internet começava a ser introduzida em maior escala no Brasil. A transcrição é longa, mas necessária para se entender a dimensão do problema:

And it is indeed another medium, one about which most serious scholars today are still quite wary. Why? I think it is because of the peculiar initial conditions of the making of the new medium, its initial demography, and the style that has become associated with it. Erroneous conclusions about the medium itself have been drawn from these its first messages.

The Net was created, and is continuing to evolve, as the result of a collective, anarchic process among computer programmers ("hackers") and professional, student, and amateur users -- a networked effort, so to speak. Hence it was perfectly natural to imagine that this creative and enterprising anarchic spirit, which has proven so effective in forging these remarkable new tools, should also be the means of deploying them. Indeed, the rapid proliferation of bulletin boards, discussion groups, alerting services and preprint archives, complemented now by simple and powerful search and retrieval tools, all pointed in the direction of a new "ultrademocratic" approach to information production and distribution in this new medium.

Problems immediately manifested themselves, however, in this informational Utopia: Discussions would wax verbose and sometimes abusive; misinformation was difficult to distinguish from information; an ethos of egalitarian dilettantism prevailed; and, worst of all, serious scholars and scientists distanced themselves or kept their distance from the Net, concluding, understandably, that it was much too chaotic and indiscriminating a medium to be entrusted with the communication and preservation of their substantive ideas and findings. (Harnad 1996).

Em essência, Stevan Harnad apontava o comportamento da academia como resistente a algo que era caótico e possivelmente inaceitável por sua fluidez e falta de confiabilidade: sítios desaparecem frequentemente e o seu arquivamento se torna improvável, não se sabe quem está por trás da “rede mundial de computadores”; talvez o maior entrave nos estudos literários seria não ser possível pegar na informação digital como se pega em um livro, que é visto como algo “permanente” (Lynch 1996). Esse medo continua, por ser inalcançável muitas vezes a sua fonte (caso dos *hackers*) e por seu ultrademocratismo, como foi o episódio recente do *Wikileaks*.

Esse espírito anárquico, tecnologicamente ousado, atinge as bases de confiança erigidas tradicionalmente pela universidade. Estamos a viver uma época em que se advoga a ideia de que usar a tecnologia “novíssima” sinaliza até mesmo perda de qualidade de vida, como se manifestou o ator Antonio Fagundes, na vida comum em suas palavras um “*analfabite*”, sobre sua personagem na telenovela “Tempos Modernos” ou, nas universidades, quando se trata da qualidade de ensino/orientação (Trigueiros 2010), a reiterar a longa polêmica entre a cidade e o campo, se esquecendo todos que usam de tecnologias anteriormente encaradas como estranhas ou diabólicas (telefone, motor a explosão, elevador,

avião). Entretanto, essa mesma universidade tem se debruçado sobre o problema, com especial interesse sobre a virtualmente infinita capacidade de acúmulo de informação na internet e da potencial salvação das obras impressas em papel contendo ácido em bibliotecas digitais/virtuais (Bellei 2002: 36).

A verdade que está lá fora, “na internet”, começa a aparecer em nossa área, ligeiramente, nos testemunhos da formação ou reconfiguração de redes sociais acadêmicas. No volume 28 da Revista da ANPOLL em 2010, no artigo “E assim se passaram 25 anos! Histórias do GT Mulher e Literatura da ANPOLL” de Constância Lima Duarte e Cristina Teixeira Stevens, há dois testemunhos importantes sobre o papel da internet. A professora Elódia Xavier (UFRJ) aponta o contato via internet como um grande avanço (pág. 37); já as professoras Zahidé Lupinacci Muzart e Simone Pereira Schmidt (UFSC) declaram:

Tínhamos a intenção de fazer uma homepage para o GT, e com o apoio do curso de PG em Literatura da UFSC, em julho de 2000, já estávamos na internet. Devo dizer que o *email* foi nosso principal instrumento de comunicação com o GT. Procuramos manter um contacto diário com informações que pudessem ser úteis para todas como noticiar todos os eventos nacionais ou internacionais que tivessem alguma relação com a nossa linha de pesquisa; concursos na área, revistas novas que solicitavam artigos, informações bibliográficas, informações sobre livrarias feministas, revistas feministas, informações diversas. (pág. 39)

Entretanto, exceto feito às publicações de anais de eventos e a poucas revistas em linha (*online*) com sucesso acadêmico, as fontes utilizadas nas teses, dissertações e livros permanecem concentradas nos livros e secundariamente nos periódicos em papel; informações obteníveis na internet, mesmo aquelas em formato PDF no Google Books, aparecem raramente. Salta aos olhos o fato das ferramentas digitais apontarem para um enorme repositório de fortuna crítica, resultado da leitura e catalogação de artigos, resenhas, teses e dissertações, mas que ou não é consultado ou não é usado como suporte para a redação da revisão de literatura. Parece prevalecer uma aura de desprezo ou desconforto, especialmente de pesquisadores, para com o ferramental informático; há duas hipóteses – uma subserviência ao papel impresso e uma desconfiança da qualidade do material que está disponível na internet, sendo subjacente a atitude de estranhamento de vários pesquisadores para com o ferramental informático. A desconfiança está fundada em conceito de valor sobre o filtro da circulação de conhecimento (editores, pareceristas, consultores), algo que em tese não aconteceria no material digital pois “qualquer um pode publicar qualquer coisa”, mas que ao fim no material impresso acaba também passível de descrédito pela coleta de informações errôneas ou de revisores pouco atentos, como bem anotou Harnad sobre a fragilidade da

atuação humana: “Now, as I said, there are no ESSENTIAL differences between paper and electronic media with respect to peer review. And the Net is populated by frail human beings, just as the paper world is” (1996). Como corroboração, a sétima edição do *MLA Handbook for Writers of Research Papers* (2009) inova ao exigir que todas as entradas de fontes sejam identificadas por seu meio (impresso em papel, cdrom, filme, hipertexto, etc.), destruindo o poder do material impresso como fonte primária e autorizante, mesmo que possa soar como ressalva prudente tal apontamento.

Ainda na obra de Umberto Eco, aponta-se a facilidade ilusória do trato das coisas contemporâneas (II.3), exceto quando se pretende uma especialidade em tal área – o que não é o caso das licenciaturas em língua portuguesa. A produção contemporânea não tem ainda, para o estudioso, o seu grau de distanciamento necessário, a gerar filtros, conceitos e análises, ficando a abordagem pautada muitas vezes pelo estrelismo ou pelas influências mediáticas ou ainda por um gosto subjetivo e politicamente engajado, como tem sido o caso de muitas indicações de autores contemporâneos e vivos para as listas de leitura dos vestibulares. Autores de largo sucesso no passado, como Coelho Neto e Humberto de Campos, encontram hoje raríssimas menções nas histórias literárias e no maior conjunto da crítica universitária. Mesmo no caso de autores premiados em concursos de porte nacional, há ressalvas também coevas acerca do valor do concurso ou da qualidade por ele aferida, como se percebe no caso de *Mensagem* de Fernando Pessoa ou da “grita” mediática sobre a escolha de *Leite Derramado* como “Livro do Ano” no Prêmio Jabuti concedido pela Câmara Brasileira do Livro.

Aqui é necessário comentar que a maior parte da pós-graduação em estudos literários no Brasil, tanto na pesquisa docente e discente quanto nas disciplinas ofertadas, está concentrada na produção literária pós-1950 ou, ainda mais agudamente, digo que têm predominado os estudos sobre literatura brasileira contemporânea (isto é, pós-1970), os estudos culturais, pós-modernos e pós-coloniais. Como anota Maria Glória Bordini, há uma “emergência das investigações sobre as produções das minorias, das etnias tradicionalmente desconsideradas, na negação dos essencialismos” (2004: 200). Tal comportamento trará complicadores no futuro, pois permanecendo a atitude, logo haverá somente estudos da literatura produzida no século XXI; há de se observar também que tanto a escola média quanto os seus exames finais (ENEM) e de ingresso em nível superior (vestibulares) continuam marcados por uma maior compreensão histórica, dentro do projeto de nação construído nos parâmetros curriculares. É de se notar também que aqueles alunos da pós-graduação que chegam à docência universitária, especialmente na multiplicidade de postos de

trabalho no ensino privado, acabam por se defrontar com tarefas de ensino de literatura portuguesa (que já encontra pouco espaço na pós-graduação e teve seu espaço reduzido na graduação) e de tempos da literatura brasileira anteriores a 1970, sem que tenham tido exposição a tais contextos nas disciplinas da pós-graduação; ou seja, em várias áreas, seu conhecimento ainda é aquele da graduação. Com a estrutura que tem sido implementada, com cursos de doutorado com poucas disciplinas, deixando ao estudante a tarefa de se familiarizar com tais períodos e objetos literários, muitas vezes sem método e sem conhecimento de fontes, caminha-se para um possível esquecimento ou fragilização dos estudos sobre a literatura produzida antes de 1970.

Em outro caso recente na mídia eletrônica (incluindo os blogues), Flora Süssekind discute entre várias coisas a retração da crítica literária, em razão do apequenamento de seu significado público; algo em perfeita consonância com o papel do crítico que deixou o jornal e foi para as universidades. Surgiu em seu lugar o jornalismo literário, exemplificado pela resposta de Sérgio Rodrigues em “A crítica de mal com a literatura”, onde acusa a crítica universitária de fôlego de ter se afastado do debate. Ledo engano. Nunca a crítica universitária esteve tão próxima da produção contemporânea – basta mencionar que há PPG cuja produção sobre a literatura pré-1950 é zero e que mais de 70% da produção de teses do PPG da UFF é sobre a literatura pós-1950. E aponta Rodrigues a resistência aos estudos culturais, como se houvesse uma birra da academia contra tal tendência de abordagem teórico-crítica, sem perceber que é uma das tendências dominantes da produção crítica universitária. O texto de Süssekind teve várias respostas entre apupos e encômios, a ponto do poeta Affonso Romano de Sant’Anna dizer que “Wilson Martins morto é mais útil e fecundo do que Flora Süssekind viva”. Exageros à parte, esse embate tem faltado à crítica literária apresentada no jornalismo cultural e, infelizmente, também à crítica acadêmica. A publicação de textos críticos deveria ser adensadora do conhecimento; entretanto, raramente se lê um texto crítico que responda a outro texto publicado anteriormente.

Em atitude de retorno, recupero a proposição inicial sobre a verdade que está lá fora. O fabuloso conjunto de fontes hoje disponível na internet, especialmente aquelas fontes primárias já pertencentes ao domínio público, precisam ser visitadas e revisitadas. Não se justifica o interesse preponderante da pós-graduação em estudos literários sobre a produção contemporânea, mesmo que haja a tendência de estudos de inclusão canônica (de gênero, de etnia, do homoerotismo e do pós-colonialismo) e de estudos culturais. No passado, era realmente difícil ao alunado e até mesmo ao pesquisador que vive fora de centros culturais mais antigos, como bem aponta Umberto Eco, por questão de acesso material, tratar de

objetos literários mais antigos ou de reconhecer a fortuna crítica antes dominada por alguns docentes de grande memória ou condizente com estrutura catedrática da Universidade, quando assistentes faziam parte da recolha das fontes. A internet veio suprir essa falta, veio alimentar novos anseios, veio satisfazer antigas curiosidades. Por ser anárquica e colaborativa, a disponibilização de fontes em larga escala, reunindo múltiplos esforços, permite ao pesquisador trabalhar praticamente sem sair de sua cidade ou de seu escritório:

Um estudo realizado pela Sociedade Max Planck, na Alemanha, com a finalidade de investigar a viabilidade e usabilidade dos recursos eletrônicos para fins de pesquisa, documentou uma mudança majoritária no uso da informação de pesquisa acadêmica. Os dados obtidos demonstraram que o acesso à rede, as revistas eletrônicas e mesmo a publicação no meio eletrônico assumem um caráter de grande importância para o pesquisador de alto nível. O estudo revelou uma grande aceitação das revistas eletrônicas e uma relutância em se voltar ao formato impresso exclusivamente. A pesquisa também identificou vantagens e desvantagens das publicações eletrônicas. O acesso a partir da mesa de trabalho, a atualidade da informação, a facilidade de se copiar artigos e os métodos adicionais de busca e localização da informação foram identificados como as principais vantagens. (Sabatini 2000)

Como testemunho e talvez reconhecendo a própria fragilidade do presente texto, as palavras aqui escritas resultam de fontes disponíveis exclusivamente sob a forma digital, mesmo que tenham sido publicadas em papel. Ou seja, a verdade pode estar lá fora.

Obras citadas

Bellei, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: EDUC; Florianópolis: UFSC, 2002.

Bordini, M. da G. “A materialidade do sentido e o estatuto da obras literária em O Senhor Embaixador de Érico Veríssimo”. Regina Zilberman et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004. 199-276.

Duarte, Constância Lima & Cristina Teixeira Stevens. E assim se passaram 25 anos! Histórias do GT Mulher e Literatura da ANPOLL. *Revista da ANPOLL* 28 (2010): 29-50. Disponível em <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/rev/article/viewFile/157/168>. Acesso em 14 de outubro de 2011.

Eco, Umberto. *Come si fa una tesi di laurea*. Milano: V. Bompiani, 1977.

Frey, Klaus. Governança Eletrônica: experiências de cidades européias e algumas lições para países em desenvolvimento. *Revista IP – Informática Pública* (Belo Horizonte) 3.1 (2001): 31-48. Disponível em http://www.ip.pbh.gov.br/ANO3_N1_PDF/ip0301frey.pdf. Acesso em 14 de outubro de 2011.

Harnad, S. "Implementing Peer Review on the Net: Scientific Quality Control in Scholarly Electronic Journals." R. Peek & G. Newby, eds. *Scholarly Publication: The Electronic Frontier*. Cambridge: MIT Press, 1996. 103-108. Disponível em <http://cogprints.org/1692/1/harnad96.peer.review.html>

Lynch, C. A. "Integrity issues in electronic publishing." R. Peek & G. Newby, eds. *Scholarly publishing: the electronic frontier*. Cambridge: MIT Press, 1996. 133-145.

Rodrigues, Sérgio. "A crítica de mal com a literatura." *O Globo: Blogs* (1 mai. 2010). Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/05/01/a-critica-de-mal-com-literatura-287840.asp>.

Sabatini, Marcelo. "Qualidade da informação nas publicações científicas eletrônicas na Internet: desafios e propostas." *Teoría de la Educación: Educación y Cultura en la Sociedad de la Información* (Salamanca) 2 (novembro de 2000). Disponível em http://campus.usal.es/~teoriaeducacion/rev_numero_02/n2_art_sabatini.htm.

Sant'anna, Affonso Romano de. "A Hidrófoba". Disponível em <http://www.affonsoromano.com.br/blog/index.php?titulo=566>.

Süssekind, Flora. "A Crítica como papel de bala". *O Globo: Prosa e Verso* (24 abr. 2010): 2-3. Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/04/24/a-critica-como-papel-de-bala-286122.asp>.

Trigueiros, Marian. "Longe da tecnologia por opção". *Folha de Londrina* (25 de fevereiro de 2010). Disponível em http://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&FWS_Ano_Edicao=1&FWS_N_Edicao=1&FWS_Cod_Categoria=2&FWS_N_Texto=9427.